

PALCOS E CIRCOS: “A CASA DE CHÁ DO LUAR DE AGOSTO”*

Brilhantíssima a estréia de Maurice Vaneau no Teatro Brasileiro de Comédia. Nos oito anos de existência do TBC, ainda não havíamos visto, na rua Major Diogo, em espetáculo de comédia, uma plateia tão alvoroçada, tão feliz, como a que assistiu a primeira representação de “A Casa de Chá do Luar de Agosto”. E não se trata desta vez, de alguma interpretação excepcional, mas isolada. O entusiasmo dirigia-se ao espetáculo como um todo, visando diretamente o trabalho do encenador belga que em tão boa hora Franco Zampari trouxe para São Paulo. A ele, sentiu-o o público, deve - se tudo o que vimos de excelente no palco, e, em primeiro lugar, essa leveza, essa graciosidade aparentemente fácil, esse ar contagiante de despreocupação e bom humor que é a nota característica da peça de John Patrick.

“A Casa de Chá” é, na verdade, um quase nada, uma brincadeira. A sua comicidade é sempre simples, o seu espírito de crítica sempre à flor da pele, sem ferir a ninguém, mas isto mesmo que poderia ser defeito são outras tantas qualidades porque o texto tem a sabedoria de nunca se tomar a sério, marcando, com mão levíssima, o traço caricatural, até chegar a uma espécie de fantasia poética, de apólogo humorístico, como se fosse uma história-em-quadrinhos para gente grande. A arma com que enfrenta e vence o público, angariando-lhe a simpatia e a cumplicidade, é dessas que nunca falham: mostrar o fraco triunfando sobre o forte. Acrescente-se que os fracos são humildes camponeses de Okinawa e os fortes o exército de ocupação norte-americano, e o nosso prazer será perfeito porque não há nada mais agradável do que rir dos Estados Unidos, principalmente depois que eles se tornaram a maior potência militar do Ocidente. Rimos com essas lições de astúcia e de saber viver dadas aos donos do mundo (ou de meio-mundo), até percebermos que também essa capacidade de autocrítica, de se divertir à custa dos próprios defeitos, é afinal de contas, norte americana, e que nem todos os sargentos e coronéis do exército do Tio Sam, como muita gente candidamente imagina, se contentam em ler “Buffalo Bill”: alguns até escrevem peças como “A Casa de Chá do Luar de Agosto”. A comédia de John Patrick desfaz alegremente a lenda da eficiência total e absoluta de Washington – e essa é a única maneira que os norte-americanos têm de se fazerem perdoar pelo próprio poderio. Parece que, se não os generais, pelo menos alguns membros mais modestos das tropas de ocupação aprenderam com os indígenas de Okinawa e insidiosa arte de diplomacia e da persuasão sorridente.

A graça francesa, para tomar um ponto de reparo bem conhecido, está na frase de espírito, no torneio inesperado e mordaz do pensamento. A norte-americana, ao contrário, prefere pôr em evidência não como os homens são inteligentes, mas como são bobos, o que é muito mais simpático, no fundo verdadeiras crianças, do Coronel Purdy III, o único a acreditar que existe de fato essa coisa chamada “exercito”, ao sargento Gregovich, que caiu num tonel de aguardente e, ao abrir a boca para pedir socorro, segundo conta, não pode deixar de ficar, contra sua vontade, embriagado. Até os psiquiatras, como de há muito havíamos suspeitado, são pessoas cheias de tiques e manias, docemente lunáticas, alheias à realidade, pressas a duas ou três ideias fixas exatamente como qualquer um de nós.

A euforia de viver em Okinawa, de construir uma casa de chá em vez de uma escola, de vestir quimono em vez de farda, de possuir uma coleção de gaiolas de grilos em vez de fazer discursos patrióticos, de obedecer à voz misteriosa do luar de agosto em vez de seguir as ordens burocráticas emanadas de Washington, brota do palco, espalha-se, invade capciosamente a plateia, irmanando-nos a todos na mesma satisfação com os outros e conosco mesmo, como se estivéssemos levemente tocados pela bebida, tornando-nos todos mais ou menos habitantes dessa Okinawa gentil e imaginária, levando-nos a admitir, como sabedora suprema, as palavras risonhas e quase imperceptivelmente irônicas de Sakini, o intérprete: “Conclusão: nenhuma”.

* In: **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p.[?], 26 fev.1956.